

o portador da chama

bernard cornwell

Tradução de Neuza Faustino



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

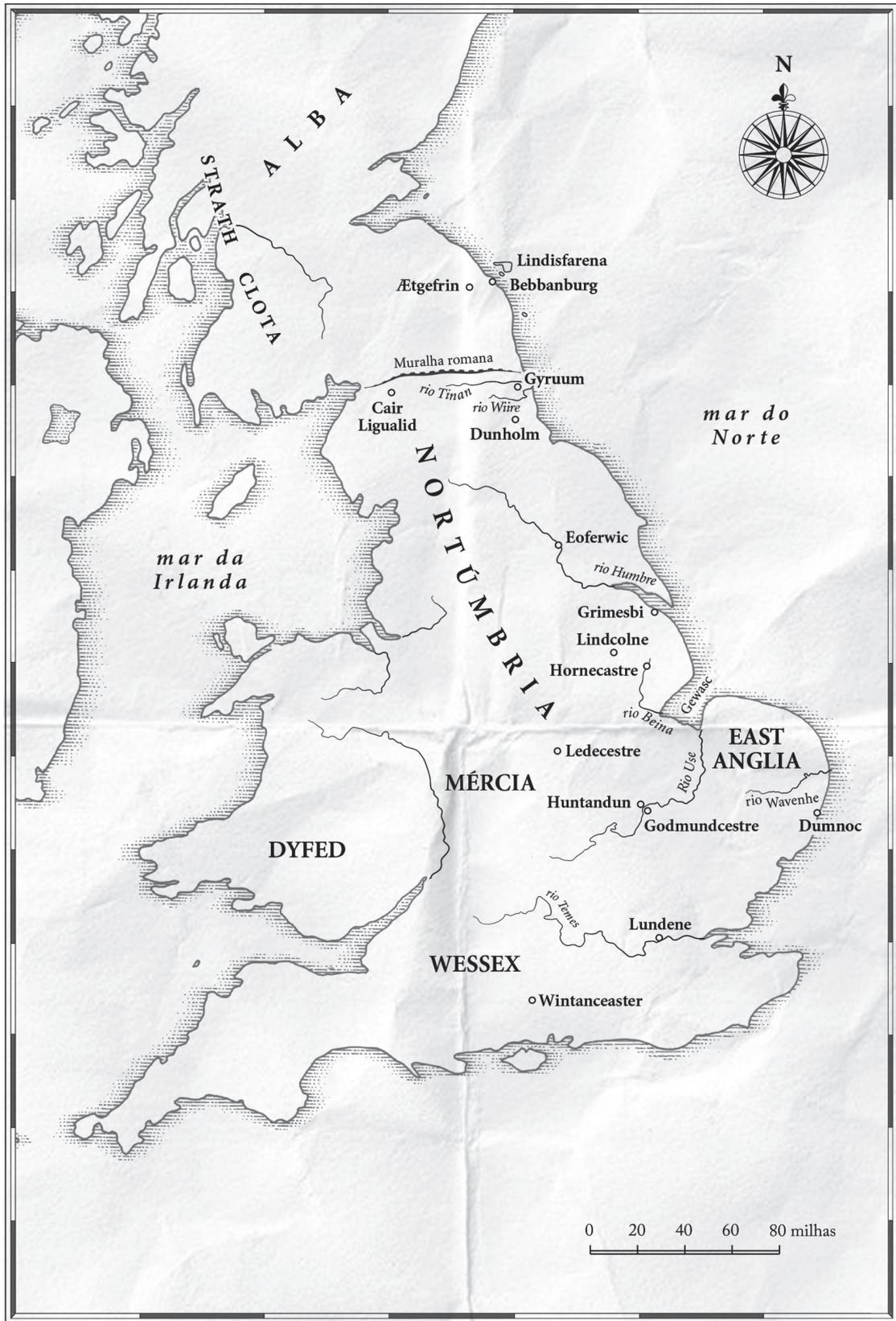
O Portador da Chama
é dedicado a Kevin Scott Callahan,
1992-2015
O destino é inexorável

TOPONÍMIA

A ortografia dos nomes de lugares na Inglaterra anglo-saxónica é incerta, não existindo consistência ou sequer um acordo acerca dos próprios nomes. Como tal, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwinc, Lundenceaster e Lundres. Certamente alguns leitores preferirão outras versões dos nomes listados abaixo, mas, por norma, recorro à grafia apresentada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo (871-899 d.C.), se bem que esta solução possa não ser ainda a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente denominada de Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente: uso Inglaterra em vez de Engaland, mas preferi a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbraland, de modo a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do moderno condado. Assim sendo, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

Ætgefrin	Yeavinger Bell, Nortúmbria
Alba	Reino que compreendia grande parte da atual Escócia
Beamfleot	Benfleet, Essex
Bebbanburg	Bamburgh, Nortúmbria
Beina	Rio Bain
Cair Ligualid	Carlisle, Cúmbria
Ceaster	Chester, Cheshire
Cirrenceastre	Cirencester, Gloucestershire
Cocuedes	Ilha Coquet, Nortúmbria
Contwaraburg	Canterbury, Kent
Dumnoc	Dunwich, Suffolk (agora quase toda engolida pelo mar)
Dunholm	Durham, condado de Durham
Eoferwic	York, Yorkshire (Jorvik, em dinamarquês)

Ethandun	Edington, Wiltshire
The Gewasc	Rio Wash
Godmundcestre	Godmanchester, Cambridgeshire
Grimesbi	Grimsby, Humberside
Gyruum	Jarrow, condado de Tyne and Wear
Hornecastre	Horncastle, Lincolnshire
Humbre	Rio Humber
Huntandun	Huntingdon, Cambridgeshire
Ledecestre	Leicester, Leicestershire
Lindcolne	Lincoln, Lincolnshire
Lindisfarena	Lindisfarne (Ilha Sagrada), Nortúmbria
Lundene	Londres
Mældunesburh	Malmesbury, Wiltshire
Steanford	Stamford, Lincolnshire
Strath Clota	Strathclyde
Sumorsæte	Somerset
Tinan	Rio Tyne
Use	Rio Ouse (Nortúmbria), ou Great Ouse (East Anglia)
Wavenhe	Rio Waveney
Weallbyrig	Nome ficcional para um forte na Muralha de Adriano
Wiire	Rio Wear
Wiltunscir	Wiltshire
Wintanceaster	Winchester, Hampshire



PRIMEIRA PARTE

O REI



1

Tudo começou com três barcos.
Agora eram quatro.

Haviam chegado três embarcações à costa da Nortúmbria, era eu ainda uma criança, e, passados alguns dias, o meu irmão estava morto, passadas algumas semanas morreu o meu pai, o meu tio havia-me roubado as terras e tornara-me num exilado. Naquele momento, tantos anos depois, encontrava-me na mesma praia e observava quatro barcos a aproximarem-se da costa.

Vinham do Norte, e do Norte nada vem que seja bom. De lá vem gelo e frio, os homens do Norte e os escoceses. De lá chegam os inimigos, e eu já tinha inimigos de sobra, pois viera à Nortúmbria para recapturar Bebbanburg. Voltara para matar o primo que usurpara o meu lugar. Viera para tomar de volta a minha fortaleza.

Bebbanburg situava-se a sul. De onde paráramos os cavalos não conseguia avistar a muralha, porque as dunas eram altas de mais, porém podia ver o fumo a subir das lareiras do forte e a ser soprado para ocidente pelo vento rebelde, soprado para o interior, onde se misturava com as nuvens cinzentas, empurradas na direção das colinas sombrias da Nortúmbria.

O vento era cortante. As areias que se estendiam até Lindisfarena eram percorridas pelas ondas que quebravam e fervilhavam, brancas e velozes, na direção da costa. Mais além, as vagas formavam cristas de espuma que, turbulenta, se dispersava pelo ar. Estava igualmente um frio feroz. O verão até podia ter acabado de chegar à Bretanha, porém o inverno continuava a empunhar a faca afiada junto à costa nortumbriana e fiquei feliz por trazer a minha capa de pele de urso.

— Um dia mau para os marinheiros — clamou Berg. Era um dos meus guerreiros mais jovens, um homem do Norte e espadachim exímio. Deixara crescer o seu cabelo longo ainda mais no último ano, que agora exibia como um enorme rabo de cavalo que saía do rebordo do elmo. Eu vira, em tempos, um saxão a agarrar no cabelo comprido de um homem e a puxá-lo para trás, para baixo da sela do seu garanhão, e depois perfurá-lo com uma lança, mal caíra na turfa.

— Devias cortar o teu cabelo — disse-lhe.

— Quando estou em batalha, ato-o em cima! — clamou de volta, e, de seguida, apontou com a cabeça na direção do mar. — Vão naufragar! Estão perto de mais da praia!

Os quatro barcos seguiam pela orla da praia, mas lutavam por permanecer no mar. O vento queria levá-los para a área mais arenosa e ali encahlá-los, largá-los então e quebrá-los. Os homens, porém, puxavam pelos cabos dos remos, enquanto o timoneiro tentava desviar os arcos da proa do quebrar das ondas. As vagas desfaziam-se contra a proa, alargando-se pelo convés. As rajadas de vento eram fortes de mais para manterem as velas desfraldadas e ao alto, pelo que os pedaços de pano pesado se encontravam ferrados.

— Quem são? — perguntou o meu filho, esporeando o seu cavalo ao lado do meu. O vento fazia adejar-lhe a capa e desgrenhava a crina e a cauda do cavalo.

— Sei lá — respondi.

— O pai nunca os viu antes?

— Nunca — confirmei. Conhecia a maior parte dos barcos que rondavam a costa nortumbriana, mas aqueles quatro eram uma novidade para mim. Não eram embarcações de comércio, exibindo antes as proas altas e os rebordos baixos dos barcos de guerra. As proas vinham decoradas com cabeças de monstros, o que os demarcava como pagãos. Eram embarcações grandes. Cada uma, assim calculei, traria uns quarenta a cinquenta homens, que agora remavam pelas suas vidas num mar turbulento e sob um vento agreste. A maré estava a subir, o que tornava a corrente mais forte na direção norte, enquanto os barcos tentavam desesperadamente abrir caminho para sul, as suas proas com dragões a mergulharem nas cristas espumejantes das ondas provocadas pelo cruzamento das águas a embaterem nos cascos. Observei o barco mais próximo a deslizar em retaguarda para o meio de uma onda e quase desaparecer no mar alto e gélido que se erguia atrás do talha-mar. Saberiam eles que havia ali um canal de águas rasas a ondular por detrás de Lindisfarena, oferecendo um abrigo? O canal era fácil de ver em maré vazante, porém agora, num mar que subia ao toque do vento frenético, a passagem permanecia escondida pelo fervilhar da espuma e as ondas ataçadas pela ventania, e os quatro barcos, ignorando portanto a segurança oferecida pelo canal, passaram a remar pela entrada do mesmo, para continuarem a lutar contra as águas, ao encontro do ancoradouro mais próximo que os acolheria.

Os barcos dirigiam-se para Bebbanburg.

Virei o cavalo para o lado sul e conduzi os meus sessenta homens ao longo da praia. O vento atirava-me com força a areia para o rosto.

Não sabia quem eram, mas sabia para onde iam os quatro barcos. Dirigiam-se para Bebbanburg e a vida tornara-se, de repente, tão mais difícil.

*

DEMORÁMOS APENAS ALGUNS MOMENTOS A CHEGAR AO CANAL DE Bebbanburg. As ondas batiam na praia e espumavam para a boca do porto, inundando a entrada estreita com remoinhos cinzentos. Não era larga, aquela entrada; em criança atravessara-a muitas vezes a nado, se bem que nunca durante uma maré a encher tão forte. Uma das minhas recordações mais antigas era a de um menino a afogar-se, ao ser levado do canal do porto pela enchente. Chamava-se Eglaf e não teria mais de seis ou sete anos, quando morreu. Era o filho de um sacerdote, o filho único. Era estranho como os nomes e rostos do passado vinham à mente. Fora um menino baixo e magrela, de cabelo escuro e bem-humorado, e eu gostava dele. Fora o meu irmão mais velho que o desafiara a atravessar o canal, e lembro-me de ele se ter rido, quando Eglaf desapareceu no turbilhão de águas escuras e de cristas brancas, flagelantes. Eu chorara, e o meu irmão dera-me um sopapo na cabeça.

— Ele era fraco — dissera-me.

Como desprezamos a fraqueza! Apenas às mulheres e aos sacerdotes é permitido serem fracos. Talvez também aos poetas. O pobre do Eglaf morrera porque quisera parecer tão destemido como nós, acabando por provar apenas que era tão estúpido como os restantes.

— Eglaf — proferi em voz alta o nome dele, enquanto trotávamos ao longo da praia, a areia levantada pelo vento.

— O quê? — berrou o meu filho.

— Eglaf — disse de novo, sem incomodar-me em dar-lhe uma explicação, mas eu penso que, desde que nos lembremos dos seus nomes, as pessoas continuam vivas para sempre. Não sei bem como vivem, se como espíritos a pairarem que nem nuvens ou se vão para outro mundo. Eglaf não podia ter ido para o Valhalla, uma vez que não morrera em batalha, mas fora igualmente um cristão, pelo que deveria ter partido para o Céu, o que me fazia sentir ainda mais pena dele. Dizem-me os cristãos que passarão o

resto do tempo a entoarem cânticos de louvor ao seu deus crucificado. O resto do tempo! A eternidade! Que deus mais convencido quererá que se lhe cantem louvores eternamente? Pensamento que me trouxe à memória Barwulf, um reideiro saxão ocidental que havia pago a quatro harpistas para que entoassem canções sobre os seus feitos de batalha, que eram praticamente nulos. Barwulf mais não era do que um homem gordo e egocêntrico, egoísta como um cerdo, daquele tipo que gostaria de se ver louvado para sempre. Assim eu imaginava o deus dos cristãos, gordo, a cismar no seu salão, a beber hidromel e a ouvir os lacaios a dizerem-lhe quão grande era.

— Eles estão a voltar para trás! — clamou o meu filho, interrompendo-me o fio do pensamento. Olhei para a minha esquerda e vi o primeiro barco a voltar de novo para o canal. Fez uma entrada direta, apesar de qualquer capitão inexperiente se poder ver enganado pelas fortes correntes da maré perto do interior da costa, porém aquele homem tinha a experiência suficiente para antecipar o perigo e manobrar o casco longo e largo a direito, sem falhar.

— Conta os homens a bordo — ordenei a Berg.

Prendemos os cavalos junto à margem esquerda do canal, onde a areia estava coberta de algas escuras, conchas marinhas e pedaços de madeira esbranquiçada.

— Quem são eles? — perguntou-me Rorik. Era ainda um rapaz, o meu criado novo.

— Devem ser homens do Norte, — disse-lhe, — como tu. Eu matara o pai de Rorik e havia ferido este durante uma batalha confusa que escorraçara os pagãos da Mércia. Sentira remorso em ter magoado uma criança — naquela altura ele apenas tinha nove anos, quando o atingi com a minha espada, a Ferrão de Vespa, e o meu sentimento de culpa levou-me a adotar o menino, tal como Ragnar, o *Conselheiro*, me havia perfilhado a mim, há tantos anos. O braço esquerdo de Rorik estava sarado, se bem que nunca viesse a ser tão forte como o direito, mas curara-se e com a esquerda era capaz de segurar um escudo e ele parecia feliz. Eu gostava dele.

— São homens do Norte! — ecoou em tom de satisfação.

— Penso que sim — falei. Não tinha a certeza, mas havia algo nos barcos a sugeri-lo, que eram do Norte e não dinamarqueses. As cabeças de monstros a decorarem as proas eram mais espetaculares e os mastros baixos encontravam-se mais à ré do que na maioria das embarcações dinamarquesas. — Não te afastes para as águas fundas — gritei a Berg, que esporeara o cavalo para a água rasa em turbilhão que lhe chegava aos machinhos.

A maré corria pelo canal, as ondas agitavam-se, brancas, pela ação do vento, mas eu olhava fixamente a praia mais distante, situada a talvez quarenta e cinco ou sessenta metros de onde me encontrava. Ali estendia-se uma pequena faixa de areal que em breve seria coberta pela enchente da maré, atrás havia as rochas negras que se erguiam até uma muralha alta. Era em pedra e, como tanta coisa em Bebbanburg, começara a ser construída no tempo do meu pai, e no centro da muralha encontrava-se o Portão do Mar. Anos atrás, no receio de que eu o atacasse, o meu tio selara o Portão Superior e o Portão Inferior que, juntos, formavam a entrada principal da fortaleza, e mandara construir o Portão do Mar, apenas acessível por via marítima ou por uma vereda ao longo da praia, que se estendia abaixo da parte da muralha voltada para as águas turbulentas. Mais tarde, o seu terror diminuía e, uma vez que aprovisionar a fortaleza de Bebbanburg através do Portão do Mar não só era inconveniente como levava muito tempo, acabou por mandar reabrir os dois outros portões; porém, o portão marítimo continuava a existir. Atrás dele desenhava-se um trilho íngreme que subia até uma entrada superior a meio da muralha que circundava todo o longo cume rochoso, em cima do qual se erigira Bebbanburg.

Juntaram-se homens na plataforma de combate da paliçada alta. Acenavam, não a nós, mas aos barcos que chegavam, e pareceu-me ouvi-los dar vivas lá do topo, ou talvez não passasse da minha imaginação.

Porém, a lança não foi imaginação minha. Um homem atirara-a do alto da paliçada e eu vi-a a voar, sombria, na direção das nuvens escuras. Por uns instantes pareceu ficar suspensa no ar, depois, qual falcão que se lança ao ataque, desceu célere para embater com força nas águas rasas, a uns quatro ou cinco passos apenas do cavalo de Berg.

— Vai buscá-la — falei a Rorik.

Ouvia agora os vivas que vinham da muralha. A lança não alcançara o seu alvo, mas, de qualquer forma, fora um lançamento considerável. Seguiram-se mais duas, mas ambas as lâminas caíram, inúteis, no centro do canal. Foi nessa altura que Rorik me trouxe a primeira lança.

— Mantém a lâmina baixa — disse-lhe.

— Baixa?

— Perto da areia.

Desmontei, puxei a pesada cota de malha para cima, desapertei os laços e fiz pontaria.

— Mantém-na quieta — ordenei a Rorik. Depois, seguro de que os homens junto à proa do barco dianteiro me observavam, urinei sobre a

lâmina. O meu filho soltou um risinho e Berg também se riu. — Agora, dá-ma — ordenei de novo, e peguei no cabo de freixo. E esperei. O barco liderante entrava agora rapidamente no canal, as ondas a quebrarem, espumando, junto do casco, enquanto os homens forçavam os remos. A proa alta, exibindo a cabeça de um dragão com a boca aberta e os olhos arregalados, emergia das águas brancas. Puxei o braço para trás. Esperei. Iria ser um lance difícil, tornado mais improvável ainda pela agitação do vento e pelo peso da capa de pele de urso que parecia travar-me o braço, porém não tinha tempo para abri-la.

— Esta — gritei na direção do barco — é a maldição de Odin!

Então arremessei a lança.

Vinte passos.

E a lâmina embebida em urina acertou no alvo pretendido. Espetou-se no olho do dragão, e o fuste tremelicava ainda quando a embarcação passou por nós, impelida pela maré para dentro das águas rasas e calmas do porto amplo, abrigado do vento pelo rochedo enorme que sustentava a fortaleza.

A minha fortaleza. Bebbanburg.

*

BEBBANBURG.

Desde o dia em que ma haviam roubado que sonhava tornar a capturá-la para mim. O meu tio fora o ladrão e agora o filho, que se atrevia a usar o nome de Uhtred, detinha o formidável forte. Os homens sempre disseram que Bebbanburg apenas poderia ser tomada pela traição ou através da morte pela fome. Era maciça, construída no topo daquele rochedo enorme que era quase uma ilha, apenas acessível por um trilho estreito. E a fortaleza era minha.

Em tempos estivera tão perto de recapturá-la. Conduzira os meus homens até ao Portão Inferior, pelo qual passáramos, porém, haviam fechado o Portão Superior a tempo de nos impedirem, pelo que o meu primo continuava a governar o grande forte junto às águas turbulentas. Ali exibia a bandeira dele com a cabeça de lobo, e os homens deram vivas do topo da muralha ao afastarmo-nos, ao mesmo tempo que os quatro barcos cursavam pelo canal em busca de uma ancoragem segura no porto de águas rasas.

— Cento e cinquenta homens — disse-me Berg, depois acrescentou: — parece-me.

— E algumas mulheres e crianças — falou o meu filho.

— O que significa que vieram para ficar, — sugeri, — quem quer que sejam.

Rodeámos a extremidade norte do porto, onde a praia era nublada pelos fogareiros que os rendeiros do meu primo acendiam, para defumarem arenques ou ferverem água do mar para a obtenção de sal. Esses homens encontravam-se agora acobardados em suas casas, que orlavam a praia interior do porto. Tinham medo de nós, tal como dos barcos que acabavam de chegar, os quais já largavam as pedras de âncora entre os pequenos barcos pesqueiros que desafiavam aquele vento cortante que varria as águas seguras de Bebbanburg. Um cão ladrou numa das cabanas com telhado de turfa e foi silenciado de imediato. Esporeei o meu cavalo por entre duas das casas e subi a encosta. Cabras fugiam à medida que nos aproximávamos e a cabreira, uma menina de talvez cinco ou seis anos de idade, choramingou e escondeu a cabeça entre as mãos. No cume baixo voltei-me para observar a tripulação dos quatro barcos a mover-se através da água para chegar à praia, trazendo aos ombros molhes de carga pesada.

— Podemos matá-los, enquanto vão chegando à praia — sugeri o meu filho.

— Agora não podemos — disse-lhe, e apontei para o Portão Inferior, qua barrava o istmo estreito que conduzia ao forte. Estavam a surgir ali cavaleiros, emergidos do arco decorado com crânios e que galopavam na direção do porto.

Berg deu um riso abafado ao apontar para o barco dianteiro.

— A sua lança continua ali, senhor!

— Foi um lançamento de sorte — disse o meu filho.

— Nada teve que ver com sorte — falou Berg em tom reprovador. — Odin guiou a lança. — Berg era um jovem crente.

Os cavaleiros conduziam os marinheiros recém-chegados na direção das cabanas da aldeia e não para a fortaleza grandiosa no alto do seu rochedo. As tripulações dos barcos largaram as trouxas na areia e adicionaram-lhes feixes de lanças, pilhas de escudos e montões de machados e espadas. As mulheres carregaram ao colo as crianças para a praia. O vento trazia até nós farrapos de vozes e de riso. Era visível que haviam vindo para ficar, e, como se quisessem demonstrar que a terra agora lhes pertencia, um dos homens plantou uma bandeira no anteporto, espetando o cabo no cascalho. Era uma bandeira cinzenta a abocanhar o vento frio.

- Conseguem ver o símbolo? — perguntei.
 - A cabeça de um dragão — respondeu Berg.
 - Que casa exibe a cabeça de um dragão? — indagou o meu filho.
- Encolhi os ombros.
- Ninguém que eu conheça.
 - Gostava de ver um dragão — falou Berg em tom melancólico.
 - Pode ser a última coisa que venhas a ver — comentou o meu filho.

Desconheço se existem dragões. Nunca os vi. O meu pai contava-me que viviam nas colinas altas e que se alimentavam de gado e ovelhas, mas Beocca, que fora um dos sacerdotes do meu pai que celebravam missa e o meu tutor na infância, tinha a certeza de que todos os dragões dormiam profundamente debaixo da terra.

— São criaturas satânicas — dissera-me — e eles esperam nas profundezas da terra pelo dia do julgamento. E quando soar a corneta celeste a anunciar o regresso de Cristo, saltarão do solo como demónios! E lutarão! As asas deles ofuscarão a luz do sol, o seu hálito chamuscará a face da terra e o fogo que cospem queimará os justos!

- Vamos morrer todos?
- Não, não, não. Vamos lutar contra eles!
- Como se luta contra um dragão? — perguntara-lhe.
- Rezando, rapaz, rezando.
- Então, vamos mesmo morrer todos — dissera-lhe, e ele brindara-me com uma palmada na cabeça.

E, agora, quatro barcos haviam trazido a prole dos dragões para Bebbanburg. O meu primo sabia que se encontrava sob ataque. Durante anos, estivera em segurança, protegido na sua fortaleza inexpugnável e pelos reis da Nortúmbria. Esses reis haviam sido meus inimigos. Para atacar Bebbanburg, teria de atravessar a Nortúmbria a lutar e vencer os exércitos de dinamarqueses e de homens do Norte que se juntariam para defender as suas terras. Porém, agora o rei de Eoferwic era o meu genro, a minha filha era a rainha dele, os pagãos da Nortúmbria eram meus amigos e eu pudera cavalgar sem ser importunado da fronteira da Mércia até à muralha de Bebbanburg. Há um mês que me encontrava a fazer uso dessa nova liberdade para galopar sobre as pastagens do meu primo, para assolar as suas herdades, para matar os homens que lhe haviam jurado lealdade, para roubar o gado dele e para me pavonear à vista das suas muralhas. O meu primo não cavalgara a confrontar-me, optando por ficar em segurança por detrás das paredes formidáveis daquele forte, mas agora andava a aumentar

as suas tropas. Aqueles homens que carregavam escudos e armas eram certamente contratados para a defesa de Bebbanburg. Ouvira alguns boatos sobre como o meu primo estava disposto a pagar ouro a esses homens e nós havíamos vigiado a chegada deles. E ali estavam.

— Nós temos mais homens do que eles — constatou o meu filho. Eu tinha perto de duzentos homens acampados nas colinas a ocidente, portanto, sim, se houvesse luta, estaríamos em número superior aos recém-chegados, mas não no caso de o meu primo juntar a guarda da casa às suas fileiras. Ele agora comandava acima de quatrocentos lanceiros, e, sem dúvida, a vida tornara-se bem mais difícil para nós.

— Vamos descer ao encontro deles — falei.

— Descer? — perguntou Berg, surpreendido. Naquele dia, éramos apenas sessenta, menos de metade do inimigo.

— Devemos conhecê-los, — disse-lhe, — antes de os matarmos. Temos de ser cordiais. — Apontei para uma árvore vergada pelo vento. — Rorik! — chamei o meu criado. — Corta um ramo daquele álamo-branco e levanta-o como uma bandeira. — E ergui a voz, para que todos os meus homens me ouvissem. — Virem os vossos escudos ao contrário!

Esperei que Rorik brandisse um galho esfarrapado, símbolo de tréguas, e que os meus homens virassem desajeitadamente os escudos, de forma que a cabeça de lobo neles pintada ficasse para baixo, depois conduzi pelos freios *Tintreg*, o meu garanhão escuro, pela encosta abaixo. Avançávamos devagar. Queria que os recém-chegados se sentissem seguros de que nos aproximávamos em paz.

Eles vieram ao nosso encontro, meia dúzia de homens escoltados por uns vinte cavaleiros do meu primo, dispersos pela zona de pastagem, onde cabras se alimentavam dos cardos. Os cavaleiros eram liderados por Waldhere, que comandava a guarda da casa de Bebbanburg e com o qual havia travado conhecimento duas semanas antes. Viera então ao meu acampamento nas colinas a ocidente com um punhado de tropas, um ramo de tréguas e a exigência impudente de que abandonássemos as terras do meu primo, senão seríamos mortos. Zombara da oferta dele, rira-me de Waldhere, porém sabia-o um guerreiro perigoso e experiente, ferido muitas vezes em lutas contra os saqueadores escoceses. Tal como eu, envergava uma capa em pele de urso e trazia uma lâmina pesada a pender-lhe do lado esquerdo. O rosto de nariz plano estava emoldurado pelo elmo em ferro, cristado por uma garra de águia. Usava a barba grisalha curta, os olhos cinzentos eram sombrios e a boca parecia um talhe reto que jamais

sorrira. O símbolo pintado no seu escudo era igual ao meu, a cabeça cinzenta de lobo. Era esse o distintivo de Bebbanburg e eu nunca o abandonara. Waldhere levantou uma mão para fazer parar os homens atrás dele, depois esporeou o cavalo para se aproximar de mim mais alguns passos.

— Veio render-se? — exigiu.

— Esqueço-me sempre do seu nome... — disse-lhe.

— A maioria das pessoas larga fezes pelo rabo, — avançou, — e você faz isso com a boca?

— A sua mãe teve-o pelo rabo, — disse-lhe, — e o cheiro a fezes continua.

Os insultos eram rotina. Não se pode ter um encontro com o inimigo sem o injuriar. Insultamo-nos e depois lutamos, se bem que duvidasse que naquele dia puxássemos pelas espadas. Contudo, tínhamos de fazer de conta, que sim.

— Dou-vos dois minutos, — ameaçou Waldhere, — depois atacamos.

— Mas nós viemos em paz — contrapuz, apontando para o ramo.

— Vou contar até duzentos — continuou Waldhere.

— Mas, se tem apenas dez dedos... — entrepôs o meu filho, e os meus homens riram-se.

— Até duzentos, — rosnou Waldhere, — e depois enfio-lhe o ramo de tréguas pelo rabo acima.

— E quem é você? — dirigi a pergunta a um homem que subira a encosta e se colocara ao lado de Waldhere. Presumi tratar-se do líder dos recém-chegados. Era um homem alto, de tez pálida a contrastar com o cabelo amarelo que lhe caía da testa alta até às costas. Vestia como um nobre rico e exibia uma corrente de ouro em redor do pescoço e argolas douradas nos braços. A fivela do cinturão era igualmente em ouro e o trabalhado do punho da espada brilhava com ouro ainda. Calculei que tivesse cerca de trinta anos de idade. Os ombros eram largos, o rosto longo, os olhos tinham uma cor muito clara, as faces eram cobertas com marcas de tinta que desenhavam cabeças de dragão. — Diga-me o seu nome — exigi-lhe.

— Não lhe responda! — rosnou Waldhere. Falava agora em inglês, apesar da minha pergunta em dinamarquês.

— Berg, — chamei, sem desviar os olhos do recém-chegado, — se aquele canalha com boca de trapos voltar a interromper-me, parto do princípio de que quebrou o acordo de tréguas e poderás matá-lo.

— Sim, senhor.

Waldhere mostrou a carranca, mas não falou. Éramos em número

superior, porém a cada momento que nos demorávamos naquelas pastagens aproximavam-se mais recém-chegados, e vinham munidos de escudos e lâminas. Não estaríamos em superioridade numérica por muito mais tempo.

— Portanto, quem é você? — tornei a inquirir.

— O meu nome é Einar Egilson, — respondeu em tom orgulhoso, — os homens chamam-me Einar, *o Branco*.

— É um nórdico?

— Sou.

— E eu sou o Uhtred de Bebbanburg, — disse-lhe, — e os homens dão-me muitos nomes. Aquele de que mais me orgulho é Uhtredærwe, que significa Uhtred, *o Mau*.

— Já ouvi os homens falarem de si — afirmou.

— Ouviu falar de mim, mas eu não ouvi falar de si! — ripostei. — Foi por isso que veio? Por pensar que o seu nome será conhecido, se me matar?

— Assim será.

— E se eu o matar a si, Einar Egilson, serei mais renomado? — Abanei a cabeça à própria pergunta que lhe colocara. — Quem ficará de luto por si? Quem se lembrará de si? — Cuspi na direção de Waldhere. — Estes homens pagaram-lhe ouro para me matar. Sabe porquê?

— Diga-me — falou Einar.

— Porque me têm tentado matar desde a minha infância e têm falhado. Sempre. Sabe porque falharam?

— Diga-me — falou de novo.

— Porque estão amaldiçoados — disse-lhe. — Porque adoram o deus crucificado dos cristãos e ele não irá protegê-los. Eles desprezam os nossos deuses. — Olhei o símbolo do martelo em osso branco que trazia ao pescoço. — Há uns anos atrás, coloquei sobre eles a maldição de Odin, chamei sobre eles a ira de Thor. E você aceita o ouro corrompido deles?

— Ouro é ouro — falou Einar.

— E eu lancei a mesma maldição sobre o seu barco — disse-lhe.

Fez um aceno de cabeça, levou a mão ao símbolo branco do martelo, mas nada disse.

— Ou irei matá-lo, — disse a Einar, — ou junta-se a nós. Não lhe vou oferecer ouro para se juntar a mim, vou oferecer-lhe algo bem melhor. A sua vida. Se lutar para esse homem, — tornei a cuspir na direção de Waldhere, — morrerá. Lute comigo e viverá.

Einar continuou em silêncio, olhando-me apenas, solenemente. Não

estava certo de Waldhere ter entendido a nossa conversa, mas também não seria necessário que assim fosse. Saberia que as nossas palavras eram hostis ao seu senhor.

— Basta! — rosnou.

— Toda a Nortúmbria odeia estes homens, — ignorei Waldhere e continuei a falar a Einar, — e você quer morrer com eles? E, caso decida morrer com eles, nós vamos levar o ouro que é ouro, mas não vosso. Será nosso. — Olhei para Waldhere. — Já contou até duzentos?

Não respondeu. Teria esperado que mais homens se juntassem a ele, o suficiente para nos ultrapassar, porém tínhamos de um lado e do outro o mesmo número de guerreiros, e ele não queria começar uma luta da qual não estivesse certo de sair vencedor.

— Faça a última oração, — disse-lhe, — porque o seu fim está próximo. — Mordi o dedo e apontei-lho. Benzeu-se, enquanto Einar tomou um ar preocupado. — Se tiver coragem, — falei a Waldhere, — espero por vós amanhã, junto a Ætgefrin. — Apontei-lhe de novo o dedo e agitei-o em sinal de uma maldição a ser lançada, depois cavalgámos para ocidente.

Quando um homem não pode lutar deve lançar maldições. Os deuses gostam de se sentir solicitados.

*

CAVALGÁMOS PARA OCIDENTE, AO CREPÚSCULO. O CÉU ENCONTRAVA-SE escurecido pelas nuvens, o solo ensopado de dias de chuva. Não tínhamos pressa. Waldhere não nos perseguiria e eu duvidava que o meu primo aceitasse a oferta de uma batalha junto a Ætgefrin. Ele lutaria, pensei, agora que dispunha dos guerreiros experientes de Einar, além dos seus, mas o combate seria em terreno escolhido por ele e não por mim.

Seguimos ao longo de um vale que se erguia lentamente para as colinas mais altas. Tratava-se de uma terra de ovelhas, de terra fértil, mas as pastagens encontravam-se desertas. As poucas herdades pelas quais passávamos eram sombrias e fumo algum saía dos buracos nos telhados. Havíamos assolado aquela terra. Eu trouxera um pequeno exército para norte e, durante um mês, tínhamos atacado os rebanhos do meu primo. Havíamos dispersado os seus rebanhos, roubado o gado deles e incendiado os armazéns, posto em chamas os barcos pesqueiros nos seus pequenos portos, a norte e a sul da fortaleza. Não matáramos ninguém, exceto aqueles que exibiam o distintivo do meu primo e os poucos que haviam oferecido resistência,

e não tínhamos feito escravos. Usáramos de misericórdia, porque aquelas pessoas seriam um dia a minha gente, portanto mandáramos que fossem procurar alimento junto de Bebbanburg, onde o meu primo teria de lhes dar de comer, embora estivéssemos a levar connosco a alimentação que as suas terras providenciavam.

— Einar, *o Branco*? — indagou o meu filho.

— Nunca ouvi falar nele — disse-lhe num tom desdenhoso.

— Eu já ouvi falar no Einar — interveio Berg. — É um homem do Norte e ele seguiu o Grimdahl, quando este remou até aos rios da terra branca.

A terra branca era aquela vasta extensão que se situava algures além das terras dos dinamarqueses e dos nortenhos, um lugar de longos invernos, de árvores brancas, planícies alvas e céus escuros. Dizia-se viverem lá gigantes e gentes que tinham pelo em vez de roupas, tal como garras que podiam rasgar a barriga de um homem até à coluna vertebral.

— A terra branca — falou o meu filho. — É por isso que lhe chamam Einar, *o Branco*?

— Não. É porque ele sangra os inimigos até ficarem brancos — explicou Berg.

Fiz troça do que Berg disse, mas levei a mão ao símbolo do martelo que trazia ao pescoço.

— Ele é bom? — perguntou o meu filho.

— É um homem do Norte, — disse Berg orgulhosamente, — é claro que é um bom guerreiro! — Hesitou. — Mas também ouvi chamarem-no por outro nome.

— Outro nome?

— Einar, *o Desafortunado*.

— Desafortunado, porquê? — perguntei.

Berg encolheu os ombros.

— Os navios dele afundam-se, as esposas morrem. — Tocou no símbolo do martelo em redor do seu pescoço, para que as desgraças narradas não o tocassem. — Mas ele também é conhecido por vencer batalhas!

Desafortunado ou não, pensei, os cento e cinquenta guerreiros nortenhos de Einar eram uma formidável adição à fortaleza de Bebbanburg, tão formidável que o meu primo estava visivelmente a evitar que entrassem no forte com medo de que se voltassem contra ele e se tornassem os novos donos de Bebbanburg. Como tal, estavam a ser alojados na aldeia e, sem dúvida, em breve o meu primo dar-lhes-ia cavalos e enviá-los-ia para

que nos assolassem. Os homens de Einar não estavam ali para defender as muralhas de Bebbanburg, mas para afugentarem os meus para longe delas.

— Em breve, eles virão.

— Virão?

— Sim, o Waldhere e o Einar — falei. — Duvido que venham amanhã, mas em breve virão. — O meu primo teria pressa em resolver o assunto. Queria ver-me morto. O ouro em redor do pescoço e dos pulsos de Einar evidenciava o dinheiro que o meu primo havia gasto, a fim de trazer para ali guerreiros que me matassem e, quanto mais tempo permanecessem, mais lhes teria de pagar. Se não viessem amanhã, viriam no espaço de tempo de uma semana.

— Olhe ali, senhor! — chamou Berg, apontando para norte.

Estava um cavaleiro na colina a norte.

O homem não se movia. Trazia uma lança, a ponta dirigida para baixo. Por uns instantes observou-nos, depois voltou-se e cavalgou para lá do cume distante.

— Hoje, já é o terceiro — constatou o meu filho.

— Ontem, foram dois, senhor — disse Rorik.

— Devíamos matar um ou dois deles — proferiu Berg em tom de vingança.

— Porquê? — perguntei. — Eu quero que o meu primo saiba onde estamos. Quero que ele venha ao encontro das nossas lanças. — Os cavaleiros eram sentinelas e eu partia do princípio de que fora o meu primo a enviá-los para nos vigiarem. Eram bons no que faziam. Durante dias haviam estado a formar um cordão amplo e solto à nossa volta, um cordão que, na maior parte do tempo, era invisível, porém eu sabia que estavam sempre ali. De soslaio vi ainda um outro cavaleiro, e já o Sol desaparecia atrás das colinas a ocidente. O Sol que se punha refletiu-se, vermelho-sangue, na lâmina da sua lança, depois ele desapareceu a cavalgar na sombra do trilho para Bebbanburg.

— Hoje, foram vinte e seis cabeças de gado — disse-me Finan — e quatro cavalos. — Enquanto eu andara a provocar o meu primo, levando homens para perto da fortaleza, Finan dedicara-se a pilhar, a sul de Ætgefrin. Ele havia enviado o gado que capturara por uma estrada que eventualmente o conduziria até Dunholm. — O Erlig e mais quatro homens levaram-nos, — disse-me, — e havia sentinelas mais abaixo, a sul, mas eram apenas dois.

— Nós vimo-los a norte e a oriente, — anuí, — e eles são bons — acrescentei, contrariado.

— E agora ele tem mais cento e cinquenta novos guerreiros? — indagou Finan em tom de dúvida.

Acenei com a cabeça em sinal afirmativo.

— São homens do Norte, todos eles, lanceiros contratados sob a liderança de um homem chamado Einar, o *Branco*.

— Mais um a matar, então — disse Finan. Era irlandês e o meu amigo mais antigo, o meu braço direito e companheiro de incontáveis barreiras de escudos. Tinha agora o cabelo cinzento, linhas fundas a marcarem-lhe o rosto, mas, pensei, também eu. Estava a ficar velho e queria morrer em paz na fortaleza que me pertencia por direito.

Calculara que me levaria um ano a capturar Bebbanburg. Primeiro, ao longo do verão, do outono e do inverno, destruiria o fornecimento de alimentos à fortaleza, matando e capturando o gado e as ovelhas que habitavam as vastas terras e colinas verdes. Assaltaria os celeiros, lançaria fogo aos palheiros, enviaria embarcações para destruírem os barcos pesqueiros do meu primo. Afugentaria os seus reideiros amedrontados que teriam de buscar guarida atrás das muralhas altas do forte, para que ele tivesse mais bocas para alimentar e cada vez menos comida. Na primavera já estariam famintos, e os homens com fome são fracos, e, quando eles já se estivessem a alimentar de ratos, então passaríamos ao ataque.

Assim o esperava.

Fazemos planos, porém os deuses e as três Nornas junto à árvore de Yggdrasil é que decidem o nosso destino. O meu plano era enfraquecer de fome os homens do meu primo e, eventualmente, matá-los, mas o destino é inexorável.

Deveria ter-me lembrado disso.

*

O DESTINO É INEXORÁVEL. NUTRIRA A ESPERANÇA DE ATRAIR O MEU PRIMO e os seus homens para o vale situado a leste de Ætgefrin, onde faríamos os dois rios correr da cor do sangue deles. Era difícil encontrar refúgio em Ætgefrin. Tratava-se de um forte no topo de uma colina que fora construído pelas gentes antigas que haviam vivido na Bretanha ainda antes de chegarem os romanos. A velha muralha de terra já caíra há muito tempo, mas o remanescente da vala de águas rasas ainda circundava o cume alto. Não havia ali qualquer povoação, nada de edifícios, nenhuma árvore, apenas o pedaço de colina elevada à mercê do vento incessante. Era um lugar

incómodo para acampar. A madeira para fazer fogueiras era inexistente e a água mais próxima encontrava-se a oitocentos metros de distância, contudo, oferecia uma vista ampla. Ninguém conseguiria aproximar-se sem nos darmos conta e, caso o meu primo ousasse enviar homens para ali, então vê-los-íamos a aproximarem-se, além de pisarmos terreno mais elevado.

Não vieram. Em vez disso, três dias depois de eu ter confrontado Waldhere, avistámos um único cavaleiro que vinha do lado sul. Era um homem pequeno que montava um cavalo pequeno e envergava uma túnica negra que adejava ao vento, o qual continuava a soprar forte e frio do mar distante. O homem olhou para cima, depois esporeou o animal diminuto na direção da encosta íngreme.

— É um padre, — constatou Finan em tom azedo, — o que significa que querem conversa, não luta.

— Pensas que foi o meu primo que o enviou? — perguntei.

— Quem mais?

— Então, por que motivo vem do Sul?

— É um padre, incapaz de saber do próprio rabo, nem que lhe déssemos um pontapé.

Olhei em busca de uma sentinela que nos observasse, mas não vi ninguém. A ausência de sentinelas convenceu-me de que o meu primo estaria a urdir alguma trama. Naquele dia havíamos cavalgado até Bebbanburg, a fim de perscrutarmos a fortaleza e onde pudéramos ver a trama com os próprios olhos. Os homens de Einar construíam uma nova paliçada que atravessava o istmo de areia que conduzia ao rochedo onde se erguia Bebbanburg. Ao que parecia, seria aquela a defesa dos homens do Norte, uma nova muralha exterior. O meu primo não confiava neles o suficiente para os chamar para o interior da fortaleza, pelo que erigiam o seu próprio refúgio, o qual teríamos de superar, antes de podermos atacar o Portão Inferior, depois o Superior.

— O canalha não tenciona sair do seu forte, — rosnara-me Finan, — ele não vai entrar em combate connosco em campo aberto. Ele quer que morramos nas muralhas dele.

— Que agora já são três. — Teríamos de transpor a paliçada nova, depois a muralha formidável junto ao Portão Inferior, mais acima ainda havia a segunda muralha, junto ao Portão Superior.

Mas o obstáculo novo não constituía a novidade pior. As duas embarcações recentes no porto de Bebbanburg deixavam-me deveras preocupado. Uma delas era um barco de guerra, menor do que aqueles quatro que

havíamos visto chegar, mas, também este, a exhibir a bandeira de Einar com a cabeça de dragão e, ao lado, encontrava-se um barco mercantil de casco largo. Havia homens a descarregarem barris para a praia, atravessando a custo as águas rasas, para depositarem os suprimentos na areia, em frente ao Portão Inferior.

— O Einar está a trazer-lhe alimentos — constatei, então. Finan nada disse. Sabia o que eu estava a sentir: desespero. Agora o meu primo dispunha de mais homens e de uma frota para trazer mantimentos à guarda da casa. — Já não vou conseguir que passem fome, — dissera a Finan, — pelo menos não enquanto estes canalhas continuarem aqui.

Agora, naquele final de tarde, sob um céu que escurecia, chegava um padre a Ætgefrin e pressupus que tivesse sido enviado pelo meu primo com uma mensagem vitoriosa. Ele estava já próximo o suficiente para eu verificar que tinha cabelo preto e comprido que lhe pendia, gorduroso, de ambos os lados da face pálida e ansiosa, que não desviava os olhos do que restava da nossa muralha de terra. Acenou-nos, provavelmente à espera de que lhe devolvêssemos o aceno, para assegurar-se de que seria bem-vindo, mas nenhum dos meus homens correspondeu. Continuava a olhar-nos, enquanto o seu cavalo capão terminava a subida árdua e o conduzia através da muralha de turfa. Ao desmontar, o sacerdote cambaleou ligeiramente. Olhou, então, em redor e estremeceu perante o que via. Os meus homens. Homens envergando cota de malha e couro, guerreiros duros, carregando espadas. Ninguém lhe disse nada, todos esperávamos que nos explicasse o que fazia ali. Por fim, viu-me, viu o ouro que trazia em redor do pescoço e dos antebraços, caminhou até mim e deixou-se cair de joelhos.

— É o lorde Uhtred?

— Sou o lorde Uhtred.

— Chamo-me Eadig, padre Eadig. Tenho estado à sua procura, senhor.

— Eu disse ao Waldhere onde me encontrar — disse-lhe num tom ríspido.

Eadig olhou-me intrigado.

— Waldhere, senhor?

— Não veio de Bebbanburg?

— Bebbanburg? — abanou a cabeça. — Não, senhor, nós vimos de Eoferwic.

— Eoferwic! — Foi impossível esconder a minha surpresa. — E «nós»? Quantos são? — Virei-me para sul, mas não avistei outros cavaleiros.

— Cinco de nós partimos de Eoferwic, senhor, porém fomos atacados.

— E é o único que conseguiu escapar? — perguntou Finan em tom de acusação.

— Os outros despistaram os atacantes, senhor. — O padre Eadig dirigia-se a mim, não tanto a Finan. — Eles queriam que eu chegasse a si, sabiam que era importante.

— Quem foi que vos enviou? — exige saber.

— O rei Sigtryggr, senhor.

Senti um calafrio em redor do coração. Por momentos, não ousei falar, receoso daquilo que aquele jovem sacerdote teria para me dizer.

— O Sigtryggr — acabei por repetir, tentando pensar no assunto que levaria o meu genro a enviar um mensageiro. Receava pela minha filha. — A Stiorra está doente? — indaguei com urgência. — As crianças?

— Não, senhor. A rainha e os filhos estão bem.

— Então...

— O rei pede que volte, senhor. — Eadig não se conteve mais e retirou um pergaminho enrolado da túnica e estendeu-mo.

Peguei no pergaminho amarrotado, mas não o desenrolei.

— Porquê?

— Os saxões atacaram, senhor. A Nortúmbria está em guerra. — O sacerdote continuava de joelhos, olhando para cima, para mim. — O rei quer as suas tropas, senhor. E quere-o a si também.

Praguejei. Portanto, Bebbanburg teria de esperar. Teríamos de cavalgar para o Sul.